

# Os rolos das mulheres na Antiguidade Clássica: adereços de cultura ou livros de leitura?<sup>1</sup>

JOANA ABRANCHES PORTELA<sup>2</sup>

*Mestre em Estudos Editoriais — Universidade de Aveiro*

**Abstract:** In this paper, we aim at understanding woman's relationship with books in the classical world, based on the analysis of iconographic documents and textual sources in which female figures are depicted with scrolls or explicitly associated with books. We intend to assess whether the presence of such objects in the hands of women may be considered evidence of reading habits and literary culture.

**Keywords:** scrolls; books; reading habits; readers; female public.

## 1. *Incipit*: desenrolando a história...

A génese deste artigo resulta de uma perplexidade suscitada pela leitura do livro *Mulheres Que Lêem São Perigosas*, de Stefan Bollmann, uma obra que reúne e comenta imagens de mulheres que lêem ao longo da história do Ocidente. Se, como é referido na badana, “o motivo da mulher que lê fascinou artistas ao longo de todas as épocas”, então — interrogamo-nos — porquê começar a história da leitura no feminino somente a partir da Idade Média, omitindo qualquer referência à Antiguidade Clássica, como acontece nesta obra? Não terá havido leitoras na Grécia e Roma antigas? Ou, pelo menos, representações de figuras femininas a ler como motivo iconográfico? Não haverá, nos textos e na arte da Antiguidade Clássica, indícios de mulheres que lêem? Ou será esta “lacuna” apenas uma parte da história que os homens se esqueceram de contar?<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> O presente artigo é uma versão reescrita e aprofundada de um trabalho de investigação realizado no âmbito da disciplina de História e Cultura do Livro do Mestrado em Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro.

<sup>2</sup> joana.portela75@gmail.com

<sup>3</sup> Cf. Georges Duby e Michelle Perrot, “Escrever a história das mulheres”: *História das Mulheres no Ocidente, Vol. I: A Antiguidade* (Porto 1993)

São estas algumas das questões iniciais que nos impeliram a tentar perceber qual terá sido, no mundo clássico, a relação da mulher com os livros. Convém, no entanto, fazer a seguinte ressalva: não pretendemos fazer aqui um estudo sobre a questão da literacia feminina<sup>4</sup>; o nosso objectivo neste artigo é mais restrito e situa-se num nível acima do da literacia. Não procuramos, pois, analisar se as mulheres gregas e romanas sabiam ler e escrever; tentamos, sim, perceber se havia mulheres leitoras que possam enquadrar-se num patamar já não de mera literacia, mas de leitura de textos literários.

Ao considerar as fontes históricas para a reconstituição do universo cultural feminino na Antiguidade Clássica, o investigador depara-se frequentemente com dois problemas: por um lado, a escassez de informações concretas sobre a vida das mulheres; por outro, a quase inexistência de testemunhos femininos directos, já que os registos que nos chegaram, quer nas fontes escritas, quer nas iconográficas, são quase sempre filtrados pela subjectividade do olhar masculino<sup>5</sup>. Assim, ao escrever a história das mulheres, ao reconstituir o seu modo de vida, é

---

13: “Quando, no final do séc. XIX, a história positivista se constitui como disciplina universitária apaixonada pelo rigor, ela exclui duplamente as mulheres: da sua área, visto que se consagra à vida pública e política; da sua escrita, visto que esta profissão é vedada às mulheres. Profissão de homens que escrevem a história dos homens, apresentada como universal, enquanto as paredes da Sorbonne se cobrem de frescos femininos.”

<sup>4</sup> Sobre a literacia das mulheres na Antiguidade Clássica, vide S. G. Cole, “Could Greek women read and write?”: H. P. Foley (ed.), *Reflections of Women in Antiquity* (Nova Iorque 1981) 219-245 e William Harris, *Ancient Literacy* (Cambridge 1991).

<sup>5</sup> Cf. Georges Duby e Michelle Perrot, op. cit., 7: “Os ténues vestígios que elas nos deixaram provêm não tanto delas próprias — pois ‘rien ne sçay; oncques lettre ne lus’ [nada sei; nunca li letras] — como do olhar dos homens que governam a cidade, constroem a sua memória e gerem os seus arquivos. O registo primário do que elas fazem e dizem é mediatizado pelos critérios de selecção dos escribas do poder. Indiferentes à vida privada, eles dedicam-se à vida pública, em que elas não participam.”

necessário ter em mente esta cautela: o olhar dos homens sobre o universo feminino imprime a sua marca nas fontes históricas e o seu discurso condiciona a nossa percepção da realidade.

A evidência histórica para a questão da literacia feminina no mundo clássico, embora relativamente escassa, provém de diversas fontes (literárias, epigráficas, artísticas), dispersas e casuais. No entanto, para a investigação acerca das mulheres enquanto leitoras, as fontes pertinentes são ainda mais diminutas e menos diversificadas. Dada a especificidade da competência linguística aqui em análise — a leitura literária —, nem todos os indícios que documentam a literacia das mulheres são relevantes para o estudo das suas aptidões como leitoras<sup>6</sup>. Assim, as fontes que nos interessam, e às quais nos procurámos circunscrever, são aquelas em que as mulheres são representadas com rolos de papiro em documentos iconográficos ou referidas na literatura como sujeitos activos de leitura.

Considerámos ainda como fontes potencialmente relevantes aqueles textos cuja autoria feminina permite um acesso directo à voz das mulheres. Mas o mundo antigo deixou muito poucos escritos de mulheres. Safo e Sulpícia são, seguramente, raras excepções. O *corpus* literário destas poetisas constitui, pois, uma fonte textual directa, na primeira pessoa e em voz feminina. Ainda que os seus poemas versem a temática do amor e nada digam em concreto sobre o mundo da leitura ou o ambiente cultural em que vivem, deles poderemos retirar ilações sobre as competências literárias das autoras e, no caso de Safo, das jovens que a rodeavam.

Uma escritora é, sempre, uma leitora. E, muitas vezes, por aquilo que escreve podemos inferir algo daquilo que lê. Partindo

---

<sup>6</sup>Cf. Cole, op. cit., 219-220: "Literacy is understood as knowledge of the alphabet and the ability to write one's own name and to read simple formulaic expressions. [...] There are problems with discussing literacy in antiquity. First, the sources for reading are not the same as the sources for writing. Reading and writing are separate skills, and ability in one does not automatically imply ability in the other."

deste pressuposto, também utilizámos como fontes textuais para este estudo uma recolha de fragmentos de outras poetisas gregas<sup>7</sup> e um *corpus* de textos atribuídos a mulheres filósofas.

Os documentos textuais onde podemos encontrar referências que indiciam a prática da leitura por parte das mulheres são também escassos, mas tal facto dever-se-á, em grande medida, à invisibilidade das mulheres no quotidiano e nos discursos (masculinos) do cidadão grego e romano. Ainda assim, é possível encontrar vários testemunhos, na literatura latina, em que os autores se referem ao seu público feminino. Como veremos, podemos apoiar-nos em algumas fontes literárias e, em especial, em autores como Propércio, Ovídio e Marcial, para documentar a existência de um público feminino com interesses literários específicos.

Como referem Duby e Perrot<sup>8</sup>, “da Antiguidade até aos nossos dias, a escassez de informações concretas e circunstanciadas contrasta com a superabundância das imagens e dos discursos. As mulheres são representadas antes de serem descritas ou narradas, muito antes de terem elas próprias a palavra. Talvez que esta superabundância de imagens seja proporcional ao seu efectivo recolhimento.” De facto, as fontes iconográficas são aquelas que maior auxílio prestam ao estudo do quotidiano das mulheres no mundo clássico. É um dado adquirido que não existem muitos indícios a documentar a leitura feminina na Antiguidade, mas o surpreendente é que as mulheres aparecem, nos vasos áticos, entre os mais antigos exemplos de figuras que seguram rolos de papiro.

Entre as fontes iconográficas que representam as mulheres como leitoras são de destacar dois conjuntos muito ricos e distintos: os vasos áticos de figuras vermelhas, no caso da Grécia da época clássica, e os frescos de Pompeios, no caso da Roma imperial. Ambos os conjuntos incluem diversos exemplares de

---

<sup>7</sup> Estes fragmentos estão compilados em Mary R. Lefkowitz e Maureen B. Fant, *Women's Life in Greece and Rome. A source book in translation* (Londres 1992) cap. I.

<sup>8</sup> Op. cit., 8.

mulheres que são representadas a ler ou, pelo menos, a segurar rolos de papiro. Estes documentos são os mais representativos e consistentes em termos quantitativos, pelo que estas fontes merecem particular atenção neste artigo. Com excepção destes dois conjuntos, que serão analisados aqui com algum detalhe, as restantes fontes iconográficas relevantes para esta questão são muito erráticas.

## **2. As mulheres e os livros na Grécia Antiga**

### **2.1. Para quem escreviam as poetisas?**

Num quadro social e cultural como o da Grécia Antiga, em que a segregação das mulheres ditava, na maior parte das vezes, a sua iliteracia, surpreende que algumas tenham conseguido romper o muro do silêncio e expressar-se através da poesia<sup>9</sup>. O caso de Safo, poetisa que viveu na ilha de Lesbos nos séculos VII-VI a.C., é significativo e serve para demonstrar que a invisibilidade e a ausência de mulheres no panorama dos intelectuais eram apenas o inevitável resultado de uma exclusão que as condenava ao silêncio e, muitas vezes, à ignorância das letras<sup>10</sup>.

Nos fragmentos de Safo surgem os nomes de várias jovens de famílias ilustres, oriundas não só de Lesbos, mas também de lugares mais remotos. Perante este facto, muitas perguntas se têm formulado: Quais são as actividades destas raparigas? A que ocupações se dedicam enquanto permanecem junto da poetisa? Por que razão foram para Lesbos? Desde a Antiguidade até hoje se

---

<sup>9</sup> Os mais importantes estudos sobre a literacia na Grécia Antiga são unânimes em concluir que a grande maioria das mulheres seria iletrada. Sobre este assunto, vide bibliografia indicada por Harris, op. cit., 339-341.

<sup>10</sup> Cf. Harris, op. cit., 48: "As to women's ability to read and write in this period [archaic times] we lack concrete information, but we must suppose that they were largely excluded. The illustrious case of Sappho, who presumably learned to read and write well either in Lesbos or in Sicily during the last quarter of the seventh century, should be regarded as exceptional though not unique."

tem colocado o problema de como definir o círculo de Safo e várias explicações subsistem.

A tese mais difundida é a que considera Safo como uma espécie de mestra rodeada das suas discípulas, baseando-se fundamentalmente nas palavras da própria poetisa, que denomina o seu lar de “casa das servidoras das Musas” (frg. 150 LP), onde educaria as raparigas nobres de Lesbos e da Jónia. Outros estudiosos, porém, defendem que o círculo de Safo se poderia definir como uma espécie de tertúlia literária: um grupo de amigas que se reúnem para ouvir versos sáficos, para os cantar e para se dedicarem à interpretação de epitalâmios compostos pela poetisa. A crer nesta tese, podemos inferir que as jovens que compunham o círculo de Safo não só tinham um nível de literacia acima da média, como seriam leitoras habituais de poesia lírica, ainda que essa leitura não fosse individual e silenciosa, mas colectiva e cantada.

Aliás, se nos voltarmos para as fontes iconográficas, entre os vasos áticos que representam mulheres a ler em rolos, há um exemplar cuja inscrição menciona explicitamente o nome de Safo<sup>11</sup>. Este vaso (Figs. 1 e 2) representa a poetisa sentada numa cadeira, a ler um rolo diante de três mulheres, uma das quais lhe segura uma coroa sobre a cabeça e outra levanta uma lira à sua frente.

Edmonds, que estudou detalhadamente esta imagem no seu artigo “Sappho’s Book as depicted on an Attic Vase”, chama a atenção para o seguinte: “The object held by Sappho is beyond all doubt a roll and not a tablet. [...] That the roll is intended to represent a book, or the book, of Sappho’s poems, follows from artistic probability.”<sup>12</sup> Tendo analisado ao pormenor as palavras e os caracteres inscritos no rolo, Edmonds defende a tese de que o livro

---

<sup>11</sup> ARV<sup>2</sup> 1060.145. Cf. Henry R. Immerwahr, “Book Rolls on Attic Vases”: Charles Jr. Henderson (ed.), *Classical, Mediaeval and Renaissance Studies in Honor of Berthold Louis Ullman*, Vol. I (Roma 1964) n. 18.

<sup>12</sup> J. M. Edmonds, “Sappho’s Book as depicted on an Attic Vase”: *Classical Quarterly* 16 (1922) 1-2.

representado nas mãos da poetisa corresponderia a uma edição dos poemas de Safo organizada pela própria. A dimensão do rolo enquanto objecto de leitura é enfatizada pelo estudioso: “In our vase-picture Sappho, the lyric poetess, is represented not as singing to a lyre, or even as singing from a book — and people do sing from books on these vases — but as *reading* from a book.”<sup>13</sup> Edmonds chega a conjecturar a hipótese de uma parte da poesia de Safo ter sido escrita não para ser cantada ou recitada, mas para ser lida.

Embora seja a mais célebre, Safo não foi a única poetisa grega. Fontes textuais fazem referência a Mirtis, que terá vivido no séc. V a.C. e que a tradição dá como mestra de Píndaro. Corina, por sua vez, terá sido discípula de Mirtis. Também no séc. V a.C. viveu, em Argos, Telesila, uma poetisa e guerreira, que foi celebrada pelos seus concidadãos com uma estátua em que era representada no preciso momento em que, pondo de lado os seus rolos de papiro, colocava o elmo para ir combater (Paus. 2.20.8). Na mesma época de Telesila, em Corinto, viveu Praxila, também poetisa e personagem de relevo na sua cidade. Quanto ao séc. IV a.C., podemos referir Erina e, já na época helenística, Ânite e Nóssis (séc. III a.C.)<sup>14</sup>.

Na história literária grega não existem poetisas provenientes da Ática. E, certamente, não se trata de uma casualidade. Todas estas poetisas que referimos viveram em outras regiões, em que as condições de vida das mulheres eram mais livres. Fora de Atenas, em algumas zonas, as mulheres, pelo menos no período que ante-

---

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>14</sup> Cf. Lefkowitz e Fant, *op. cit.*, 1: “That women in all periods of antiquity could write sophisticated verse indicates that at least some women were educated. But the fact that from all antiquity only a few female authors’ names and a few fragments of their poetry survive suggests that such intellectual attainments were at best exceptional. [...] As it is, what little remains of women’s writings offers eloquent testimony not so much of an informing literary inheritance, as of a potential never realised.”

cedia o casamento, viviam uma experiência que concedia algum espaço para a sua preparação cultural.

Como poetisas, seguramente que aquelas mulheres cultas não só se dedicaram à escrita, mas também à leitura literária, pelo menos no género lírico. É provável até que algumas fossem leitoras habituais do género épico, uma vez que na sua poesia podemos encontrar muitos motivos provenientes da epopeia. Podemos, acima de tudo, interrogar-nos para que público(s) escreviam estas poetisas. De facto, alguns temas da sua poesia são de tal modo contextualizados no universo feminino (danças, rituais de iniciação, deusas do amor, casamento, infância das raparigas) que nos perguntamos se estes poemas não terão sido escritos a pensar num público, ainda que restrito, de leitoras.

Surge-nos, então, outra questão: haveria, no quotidiano das mulheres gregas, espaço para a leitura? Haverá cenas domésticas que ilustrem momentos de lazer na companhia dos rolos?

## 2.2. Gineceu: espaço de leitura?

Na literatura grega coeva são muito raras as alusões à leitura de livros ou à utilização dos rolos. Encontramos algumas referências, muito pontuais, no que se refere ao uso de livros para estudo por parte de alguns cidadãos, mas nas fontes textuais não há indícios dessa prática no caso das mulheres. Para encontrar situações de leitura e manuseio de rolos por um público feminino temos de nos voltar para a iconografia. Os indícios que melhor parecem documentar as competências (e a prática) de leitura das mulheres gregas, em particular das atenienses, provêm das pinturas dos vasos áticos, representando figuras femininas a ler ou, pelo menos, a segurar rolos de papiro. Aliás, estes vasos contam-se entre os documentos mais antigos que atestam a leitura de textos literários no mundo helénico<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Cole, op. cit., 219: “Women appear among the earliest examples of readers of books on Athenian vases.”



Como refere Cole<sup>16</sup> no seu artigo sobre a literacia das mulheres gregas, do total de 32 vasos em que, indubitavelmente, aparecem figuras femininas com rolos, 19 representam situações que podem ser interpretadas como uma reunião de Musas<sup>17</sup>, enquanto os restantes 13 mostram mulheres atenienses em cenas domésticas<sup>18</sup>. Se excluirmos os vasos cujas figuras femininas podem representar Musas, as cenas que ilustram mulheres comuns com rolos são quase tantas como aquelas em que os rolos aparecem nas mãos de homens ou rapazes. Mas, se incluirmos os vasos com representações de Musas, o número de exemplos que apresentam figuras femininas com rolos é bastante superior ao número de vasos em que os livros surgem associados a figuras masculinas.

Apesar do elevado nível de iliteracia feminina na Grécia Antiga, o certo é que pelo menos 13 vasos áticos representam rolos de papiro nas mãos de mulheres comuns, em cenas da vida privada. Esta constatação não deixa de ser surpreendente, na medida em que, segundo Harris<sup>19</sup>, “with regard to free Greek women, even optimist recognize that the majority must have been illiterate, and this could easily have extended to 95% of them or more”.

Alguns dos rolos que as mulheres seguram nas mãos estão inscritos com linhas de poesia, pelo que estas imagens constituem não só um indício das competências de leitura de algumas atenienses, como também parecem revelar que estas teriam algum interesse pela literatura, em particular pela poesia<sup>20</sup>. É esta a conclusão a que chega Immerwahr, depois de analisar detalhadamente o conjunto de vasos em que os rolos aparecem associados

---

<sup>16</sup> Op. cit., 223.

<sup>17</sup> Cf. Immerwahr, op. cit., n.ºs 20-28, 28a, 28b, 29-32, 32bis, 33-35.

<sup>18</sup> Cf. Immerwahr, op. cit., n.ºs 13-17.

<sup>19</sup> Op. cit., 106-107.

<sup>20</sup> Cf. Immerwahr, op. cit., 18: “Papyrus rolls always represent books; in fact they are always meant for books of poetry.” No séc. V a.C. os únicos textos que circulavam sob a forma de rolo parecem ter sido os textos poéticos.

a mulheres<sup>21</sup>. No que diz respeito às figuras femininas que, nos vasos, podem ser interpretadas como Musas, estas constituem, segundo o autor, o modelo mítico das mulheres que têm algum interesse pela poesia.

Convém referir aqui que os rolos ilustrados nos vasos não são usados como objectos de leitura solitária, mas como auxiliares da recitação. Como refere Immerwahr<sup>22</sup>, “none of these pictures shows a single figure engaged in individual reading, but the book roll is always used in a larger social context. [...] The book roll is thus a mnemonic device facilitating recitation, not a real ‘book’ for reading alone”. Nos vasos áticos referidos anteriormente, a cena típica ilustra uma mulher a recitar o texto poético inscrito no rolo perante outra mulher ou grupo de mulheres, normalmente acompanhadas de instrumentos musicais e, em particular, da lira.

Assim, podemos concluir que, não só no caso das cenas com Musas que seguram rolos, mas também nos vasos com representação de mulheres comuns, a utilização de rolos associa claramente a leitura de poesia a um público feminino. Segundo Immerwahr<sup>23</sup>, “the vases illustrate well the refinement of this new kind of female occupation, showing a new ideal world in which women appeared more graceful and literature was to become shortly more feminine. The book roll is here a symbol of poetry as the finest form of literature”. Até que ponto as ilustrações dos vasos são um retrato da vivência contemporânea não o sabemos ao

---

<sup>21</sup> Op. cit., 27-28: “The vase paintings provide evidence for two distinct, but related phenomena: the literacy of women and their preoccupation with literature. [...] The vases with book rolls, however, testify primarily to an interest in literature. These women (as well as their tablet-carrying counterparts) are surely not *hetaerae*, and we must free ourselves from the prejudice that Athenian ladies were uneducated. The scenes are clearly domestic scenes showing girls of good family.”

<sup>22</sup> Op. cit., 36-37.

<sup>23</sup> Op. cit., 28.

certo. A possibilidade de estas imagens representarem não tanto a realidade coeva mas um mundo idealizado é levantada por Cole<sup>24</sup>.

Embora alguns dos vasos áticos possam representar situações idealizadas, há pelo menos 7 ilustrações de mulheres comuns com rolos que incluem mobiliário doméstico, duas das quais mostram também crianças. Estes vasos parecem, de facto, representar os aposentos femininos — o gineceu, espaço onde mulheres e crianças passavam a maior parte do seu tempo. Podemos deduzir que estes vasos pretendem representar cenas da vida privada das mulheres, mais do que uma situação idealizada, como acontece no caso das Musas. É também interessante verificar que nos vasos áticos podemos encontrar mulheres leitoras, na maior parte das vezes sentadas, a ler os rolos, mas não temos representações de gineceu que ilustrem mulheres a escrever. Assim, as cenas domésticas que ilustram mulheres com rolos nos seus aposentos assumem grande importância, pois apresentam a leitura como uma actividade normal do quotidiano feminino, pelo menos para um limitado número de mulheres atenienses, e o gineceu como o espaço, físico e social, em que essa leitura acontece na vida privada<sup>25</sup>.

Embora no séc. V a.C. uma mulher letrada deva ter sido a excepção e não a regra, podemos perguntar-nos como é que podia aprender a ler. Não há quaisquer indícios do ensino formal das letras a raparigas no período clássico. As meninas não iam à escola e qualquer rapariga da classe dos cidadãos que aprendesse a ler e a

---

<sup>24</sup> Cf. Cole, op. cit., 223: "Although the vases may indicate that some women had an interest in poetry, it is well to exercise some caution when interpreting these scenes. The prevalence of a specific motif in art may be the result of a tendency towards idealization rather than a reflection of contemporary practice."

<sup>25</sup> Immerwahr, op. cit., 24 sugere um certo desenvolvimento na utilização do rolo ao longo do séc. V a.C.: "Such a development [from an interest in books as school texts toward a more general use of books in private life] does appear more clearly in scenes in which the readers are women, a series which begins about the middle of the fifth century."

escrever deve tê-lo aprendido em casa. Porém, também não há testemunhos, para o séc. V a.C., do ensino das meninas por parte das suas mães. A única indicação neste sentido é muito mais tardia: uma estatueta de terracota da época helenística, representando uma mulher e a filha a ler um rolo em conjunto.

Mas mesmo antes desse período, algumas mulheres, em casos excepcionais, parecem ter sido letradas. Embora não haja indícios para concluir que algumas meninas pudessem aprender a ler em casa com as suas mães, há um vaso que sugere que algumas mulheres eram capazes dessa instrução. Um vaso ático<sup>26</sup> mostra uma mulher a ler um rolo com um rapaz à sua frente. Provavelmente, o rapaz está a recitar e a treinar perante a sua mãe. Convém referir que não era só entre as mulheres da classe social mais elevada que havia algumas com competências de leitura, pois também algumas *hetairai* eram letradas, pelo que é de admitir que, a certos olhos masculinos, as cenas de mulheres com rolos contivessem algo de “picante”<sup>27</sup>.

### 2.3. Quem lia as mulheres filósofas?

Entre as mulheres letradas que é possível encontrar na Grécia Antiga contam-se algumas mulheres filósofas, nomeadamente as que, na época helenística, gravitaram em torno da escola filosófica neopitagórica. O indício mais importante de tal actividade provém de uma colecção de cartas helenísticas que abordam várias questões éticas e práticas relacionadas com as tradicionais preocupações das mulheres (o cuidado das crianças, a forma de lidar com os escravos, a conduta virtuosa para com o marido, etc.). Tais epístolas, muitas vezes de teor ensaístico, são atribuídas a

---

<sup>26</sup> J. D. Beazley, *Attic Red-Figure Vase-Painters* (Oxford 1963): 838.27.

<sup>27</sup> Cf. Harris, op. cit., 107: “To extrapolate from later Greek evidence, it is also evident that to some tastes there was something attractively piquant about scenes of women with books. It may have been an accomplishment of a *hetaira* to be thoroughly literate.”

autoras femininas como Teano, Perictione, Mia, Fíntis e Melissa<sup>28</sup>. Embora actualmente a questão da autoria feminina dessas cartas esteja sob controvérsia, e ainda que esses textos tenham sido escritos por homens sob pseudónimo feminino, Snyder conclui que “it must at least have been thought credible by the Neopythagorean audience to whom they were directed that such letters were written by women”<sup>29</sup>.

Uma leitura dos escritos que sobreviveram permite facilmente perceber que tais textos se destinavam a serem lidos por outras mulheres. De um modo geral, trata-se de um conjunto de breves tratados sob a forma de uma carta dirigida a uma mulher em particular. O próprio assunto aí explorado remete para um público feminino. A título de exemplo, podemos referir duas dessas cartas que chegaram até nós.

Uma é atribuída a Teano<sup>30</sup>, autora de quem terão sobrevivido oito cartas, de extensão variável, dirigidas a diferentes mulheres. A carta em questão é endereçada “à admirável Eurídice” e constitui uma reflexão e conselho sobre as infidelidades dos maridos<sup>31</sup>. Aliás, o discurso parenético dirigido às mulheres parece ter sido uma constante nos escritos da filósofa Teano, como podemos inferir do título de um dos tratados que lhe atribui a *Suda* — Παραινέσεις γυναικείας (*Conselhos para as Mulheres*). Uma outra carta, cujo assunto de imediato remete para a esfera

---

<sup>28</sup> Sobre estas mulheres filósofas, vide Mary Ellen Waithe, *Ancient Women Philosophers, 600 B.C.-500 A.D.* (Dordrecht 1992) e Ian Michael Plant, *Women Writers of Ancient Greece and Rome: an anthology* (Oklahoma 2004).

<sup>29</sup> Jane McIntosh Snyder, *The Woman and the Lyre: Women Writers in Classical Greece and Rome* (Bristol 1989) 108.

<sup>30</sup> Sobre as controvérsias acerca da identidade de Teano, vide Plant, op. cit., 68-69.

<sup>31</sup> Cf. Snyder, op. cit., 111: “The recommendation that a wife should tolerate her husband’s sexual diversions is also typical of the other letters attributed to Neopitagorean women, which generally advocate strict self-control for women in matters of sex, diet, and dress, coupled with patient endurance of any faults on the part of a husband.”

dos interesses femininos e domésticos, é atribuída a Mia e dirigida a Fílis, mas o seu conteúdo é extensível a todas as mães recentes<sup>32</sup>. Também em estilo parenético, versa sobre questões de puericultura e, segundo Snyder, “a slightly more lengthy pamphlet that might be said to be a precursor of a guide to child rearing”<sup>33</sup>.

Ambos os exemplos apresentados, embora mencionem uma leitora específica à qual a carta se destina, contêm reflexões e conselhos generalizáveis a outras mulheres, esposas e mães, pelo que parecem pressupor uma audiência mais lata. Concordamos, por isso, com a conclusão de Snyder: “It is clear enough that by the fourth century B.C., female participation in Neopythagoreanism was strong enough to elicit ‘targeted-audience’ literature, namely a series of pamphlets directed at female readership”<sup>34</sup>.

Não sabemos, porém, se esse público-alvo de leitoras femininas estaria circunscrito às mulheres que gravitavam em torno da escola neopitagórica ou se extravasava as fronteiras do círculo filosófico. Curiosamente, há uma carta que parece atestar a familiaridade das mulheres (filósofas) com a prática da leitura. Teano, numa carta dirigida à filósofa Ródope, começa por perguntar à sua interlocutora se está aborrecida por ainda não lhe ter emprestado o prometido livro de Platão. Esta carta oferece evidências para hábitos de leitura por parte das mulheres e a prática do empréstimo de livros, pelo menos a partir da época helenística.

---

<sup>32</sup> Cf. Plant, *op. cit.*, 79: “It was composed during the renaissance of Pythagorean philosophy around the third century B.C., possibly to serve as a philosophical textbook for practical use. [...] The treatise ends with reference to further work on childcare, and it may have been part of a series of short articles on this topic, designed to introduce Pythagorean philosophy into daily life.”

<sup>33</sup> *Op. cit.*, 111.

<sup>34</sup> *Op. cit.*, 110.

### 3. As mulheres e os livros na Roma Antiga

#### 3.1. Mulheres com rolos são mulheres que lêem?

Na Antiguidade Clássica, o motivo da mulher que lê não interessou apenas os pintores de vasos áticos da Grécia Antiga. Também na civilização romana encontramos o gosto por esta temática num conjunto de pinturas murais que ilustram figuras femininas debruçando a sua atenção sobre um rolo. Os frescos de Pompeios dão-nos alguns exemplos bem significativos.

É interessante verificar, porém, que o contexto em que surge a mulher que lê nos frescos de Pompeios se distancia daquele que envolvia a leitura feminina nos vasos áticos. Nestes, a leitura não era solitária, mas um acto social em que uma mulher lia num rolo os versos que recitava para outras mulheres que, por vezes, a acompanhavam com instrumentos musicais. Ora, os frescos de Pompeios divergem claramente desta realidade ateniense e parecem apontar para novo hábito cultural: a leitura individual<sup>35</sup>.

Em duas pinturas murais de Pompeios, actualmente no Museu Arqueológico de Nápoles, encontramos a representação de uma mulher a ler, solitariamente, um rolo<sup>36</sup>. Num dos frescos (Fig. 3), a jovem está tão profundamente absorvida na sua leitura

---

<sup>35</sup> Cf. Holton N. Parker, "Books and Reading Latin Poetry": William A. Johnson e Holt N. Parker (eds.), *Ancient Literacies: The Culture of Reading in Greece and Rome* (Oxford 2009) 187-188: "The Romans enjoyed poetry (and literature in general) in four basic ways, each with its own social parameters: in recitations, as entertainments at convivia, through professional lectors, and by private reading. [...] I am a bit concerned, however, that [...] we may be in danger of [...] losing sight of the role of books in the hands of individual readers. The recitations and other means of listening to literature were very important to the social life of the capital, but what emerges from the many and detailed descriptions the Romans left us [...] is a fairly clear picture showing that each of these other ways of enjoying literature was considered and presented as preparatory, ancillary, or supplementary to the main event, the unmarked case of private reading."

<sup>36</sup> Estes dois frescos com mulheres absorvidas na leitura são reproduzidos por Harry Leo Pinner, *The world of books in classical antiquity* (Leiden 1958) p. opposite 29 e p. opposite 20.

que se esqueceu de ir enrolando as páginas que já leu e deixa-as pendentes entre as duas mãos. O pintor sugere, deste modo, o vivo interesse que o livro desperta na leitora e o longo tempo em que esta tem estado alheada na fruição do rolo que lê<sup>37</sup>. O outro fresco mostra uma rapariga a ler, sozinha, encostada numa varanda, olhando atentamente para o rolo aberto que segura com ambas as mãos. Estes dois exemplos apresentam jovens mulheres num contexto de leitura individual e solitária, o que parece indicar que no mundo romano a leitura feminina assume novos contornos, mais ligados ao prazer e à fruição individual, baseados numa certa cultura literária.

Há ainda outros dois frescos de Pompeios, muito conhecidos, que, embora não ilustrem mulheres com rolos mas sim com instrumentos de escrita, merecem aqui uma referência, por se enquadrarem neste espírito de gosto pelas letras e familiaridade das mulheres com a cultura literária. Num desses frescos está representada uma jovem, elegantemente vestida e ataviada, surpreendida por um momento de meditação, segurando as tabuinhas de cera na mão esquerda e um estilete que aproxima dos lábios na mão direita (Fig. 4). Parece preparar-se para registar nas tabuinhas as suas reflexões de mulher culta. No outro fresco, encontramos o retrato de um casal (Fig. 5). Também aqui a mulher dá a impressão de uma pessoa culta. Com o estilete na mão, dispõe-se a escrever nas tabuinhas abertas diante de si. O rolo de papiro que o marido segura sublinha ainda mais a vontade deliberada de o par adoptar uma pose de pessoas letradas.

Mas talvez devamos perguntar-nos se estes retratos são uma reprodução da realidade ou simplesmente a ilustração de uma

---

<sup>37</sup> Acerca da intimidade da leitura nas representações de leitores, Stefan Bollmann, *Mulheres Que Lêem São Perigosas* (Círculo de Leitores 2007) 35, escreve: “Ler é um acto de isolamento amigável. Quando estamos a ler, procuramos tornar-nos inatingíveis. Talvez fosse isto que interessou os pintores durante muito tempo no retrato dos leitores: mostrar pessoas num estado da mais profunda intimidade não destinada a outros.”



aparência. Muitas casas de Pompeios estão decoradas com frescos que documentam a familiaridade dos seus habitantes com os utensílios de escrita e de leitura. Mas a presença de tais objectos, tão recorrente nos retratos pompeianos, corresponderá a um elevado nível cultural dos seus habitantes ou apenas a uma pretensão dos retratados, desejosos de parecerem pessoas literatas?

Neste sentido parece inscrever-se a opinião de Ettiene, que escreve, a propósito do retrato do casal: “Sin duda, tenemos la impresión de que ambos están asumiendo una función, pero esta actitud rebuscada define una psicología, la del burgués que quiere jugar a ser intelectual.”<sup>38</sup> Os meios populares tentavam imitar a classe culta romana e alguns testemunhos iconográficos pompeianos parecem mostrar que houve tentativas de forjar uma pseudo-erudição, sobretudo entre os novos-ricos. Segundo Ettiene, os habitantes de Pompeios, pelo menos os que pertenciam às classes ricas, encomendavam retratos que ilustrassem este gosto pelas letras e a sua (pretensa) cultura literária.

Esta tese leva-nos a colocar a seguinte questão: mulheres com livros são mulheres que lêem? Parece-nos pertinente questionar se as mulheres representadas nos frescos com um rolo aberto entre mãos e absorvidas na leitura são, de facto, mulheres que lêem no seu quotidiano ou apenas mulheres que aspiram a ser vistas como pessoas cultas. Será que os rolos nas mãos das mulheres são um mero adereço cultural para posar no retrato?

Ora, entre a elite romana, no período imperial, parece ter havido, mais do que em qualquer época anterior, a preocupação de educar as raparigas. Muitas terão tido mesmo uma educação literária bilingue, pelo que eram capazes de ler não só os autores latinos como os gregos. Os exemplos iconográficos de mulheres com rolos ou tabuinhas parecem indicar que as matronas da classe social mais elevada conseguiam alcançar um certo grau de educa-

---

<sup>38</sup> Robert Etienne, *La vida cotidiana en Pompeya* (Madrid 1996) 377.

ção e absorver a cultura literária da época<sup>39</sup>. Assim, pensamos que, embora em certos retratos pompeianos os rolos das mulheres possam, por vezes, ser apenas um adereço a sugerir uma aparente (e desejável) cultura literária, haveria muitos casos, entre as mulheres da elite, cujos livros são sinal de hábitos de leitura na vida quotidiana<sup>40</sup>. Estas *doctae matronae*, leitoras de facto, seriam o modelo a imitar pelas mulheres burguesas que se faziam representar com rolos.

Há um outro fresco de Pompeios, proveniente da Vila dos Mistérios, que pode constituir, eventualmente, mais um indício da familiaridade da matrona com a leitura. O contexto é bem distinto dos exemplos anteriores, pois aqui não se trata de um retrato ou da representação de uma cena de leitura individual, mas de uma cerimónia ligada aos rituais de iniciação feminina. Na primeira cena representada no fresco, uma mulher, provavelmente a sacerdotisa do ritual, segura na mão esquerda um rolo fechado, enquanto acompanha atentamente a leitura do rolo aberto que uma criança tem entre mãos (Fig. 6). Esta cena parece-nos relevante na medida em que documenta a utilização de rolos por mulheres em situações da vida privada, mas em contexto religioso e não lúdico. Neste caso, os rolos não são, seguramente, um mero adereço para dar uma imagem de cultura, mas um objecto utilizado num ritual

---

<sup>39</sup> Cf. Harris, op. cit., 252: "There were some practical reasons to educate daughters at least to this level, since most of them would have to run large households. For what the silence is worth, no illiteracy is explicitly known among such women. A few of them became intellectuals [...] Literary allusions make it plain that at Rome an intelligent women of the upper class was often able to acquire a good conventional education, and was expected to do so, so that she would become «litteris Graecis Latinis docta» [...] Some Pompeian portraits of women confirm that some literary education was thought to be desirable for a women of good family."

<sup>40</sup> Sobre os hábitos de leitura das mulheres romanas, vide a interessante análise de Emily A. Hemelrijk, *Matrona Docta. Educated women in the Roman elite from Cornelia to Julia Domna* (Londres e Nova Iorque 2004) 47-53.

feminino, o que atesta que, pelo menos em determinado nível social, os rolos fazem parte do quotidiano das mulheres.

### 3.2. Da leitura à escrita?

A maior familiaridade das mulheres com os livros e com a leitura no mundo romano, atestada, por exemplo na iconografia pompeiana, é igualmente documentada pela alusão a algumas poetisas na literatura coeva, algumas das quais pertenceriam aos círculos literários de então<sup>41</sup>. Com alguma frequência, a partir do final do período republicano, podemos encontrar, em autores masculinos contemporâneos, referências — muitas vezes elogiosas — a mulheres escritoras e à sua cultura literária. A primeira mulher romana a ser mencionada como poetisa é Semprónia (mãe de Fúlvia, que casou com Marco António), descrita por Salústio como *litteris Graecis et Latinis docta*<sup>42</sup> e cujo *floruit* se situa c. 60 a.C.

A segunda poetisa romana de que temos notícia é Cornifícia (irmã de Cornifício, poeta do círculo literário de Catulo), embora a sua reputação como autora de epigramas nos tenha chegado somente por via do testemunho tardio de S. Jerónimo, já no séc. VI d.C.<sup>43</sup> Embora nenhum dos seus *insignia epigrammata* tenha sobrevivido, Stevenson aventa a hipótese de a poetisa ter pertencido ao círculo literário dos *poetae noui*: “The fact that Cornificia wrote

---

<sup>41</sup> Cf. Jane Stevenson, *Women Latin Poets: Language, Gender, and Authority from Antiquity to the Eighteen Century* (Oxford 2008) 31: “Though so little survives, it is clear from the texts available that from the end of the Republic, literary circles often included women — not possibly fictitious mistresses of socially indeterminate or dubious status, but women identifiable as wives or connections of known poets.”

<sup>42</sup> Cf. Salústio, *Bellum Catilinae*, 25: “*litteris Graecis et Latinis docta [...] posse uersus facere, iocum mouere, sermone uti uel modesto uel molli uel procaci; prorsus multae facetiae multusque lepos inerat.*”

<sup>43</sup> Cf. S. Jerónimo, *Crónica*: “*Huius soror Cornificia, cuius insignia extant epigrammata*”. Cf. Stevenson, op. cit., 34: “Jerome describes her epigrams as *insignis*: famous, well known, excellent: a wholly positive word. He assumes that they are familiar to an educated reader, and he does not [...] suggest that there is anything at all strange or inappropriate about an upper-class woman’s writing poetry.”

epigrams — a literary form strongly associated with Alexandrian poetic school — may suggest that she was not merely socially proximate to Catullus, but actually a member of the Catullan avant-garde of Greek-influenced poets.”<sup>44</sup>

Os dois exemplos apresentados, Semprónia e Cornifícia, ainda que conhecidos apenas por testemunhos indirectos, dão-nos conta de uma cultura literária, entre a elite feminina de Roma, que parece pressupor a leitura e um profundo conhecimento dos poetas gregos e latinos ainda durante o último período da República. No entanto, na geração seguinte, em que a educação passa a ser encarada como um dos principais recursos sociais das mulheres da elite senatorial, encontramos testemunhos mais directos de que as mulheres da aristocracia romana eram “an appreciative audience for poetry, and sometimes poets themselves”<sup>45</sup>.

Os poetas da época de Augusto estavam vinculados a determinados círculos literários, alguns dos quais registam mulheres contemporâneas entre os seus membros. Estes círculos eram patrocinados por figuras de grande prestígio e próximas do imperador. O círculo mais célebre era o que gravitava em torno de Mecenas, patrono de poetas como Horácio, Vergílio e Propércio. Outro grande patrono das letras foi Marco Valério Messala Corvino, em cujo círculo literário se movimentavam poetas como Ovídio, Tibulo, Lígdamo ou Sulpícia, a mais importante poetisa romana da Antiguidade e a única de quem sobreviveram alguns escritos.

Pouco se conhece acerca da biografia de Sulpícia. Sabemos que viveu durante o reinado de Augusto e, a julgar pelas referências contidas nas suas elegias, terá sido sobrinha do próprio Messala, tendo este desempenhado um papel preponderante na sua educação ainda durante a infância. Provavelmente, na sua educação literária, a prática da leitura de autores gregos e latinos terá tido lugar de relevo, tendo em conta as suas posteriores competên-

---

<sup>44</sup> Op. cit., 34.

<sup>45</sup> Stevenson, op. cit., 32.

cias literárias como poetisa<sup>46</sup>. O que sobreviveu da obra de Sulpícia são seis elegias endereçadas a um amante chamado Cerinto (pseudónimo grego, bem ao estilo elegíaco da época). Uma análise atenta ao conteúdo, estilo e mestria poética das suas composições leva Hemelrijk a concluir: “Perhaps, with her short and seemingly simple poems and the female perspective adopted in them, she intended to reach a wider public, of women, as well as men.”<sup>47</sup>

Os estudiosos de Sulpícia reconhecem que a poetisa conhecia bem as convenções da elegia latina e dos epigramas gregos<sup>48</sup>. Aliás, parecem existir indícios de que Sulpícia teria tido mesmo uma *lectrix* particular, de origem grega. É esta, pelo menos, a conclusão a que chega Stevenson, com base num epitáfio<sup>49</sup> encontrado em Roma: “It is at least arguable that the oeuvre of Sulpicia can be extended by one more poem of a quite different kind [...] The poem is an epitaph, in elegiacs, for a *lectrix* (reader-aloud) called Petale.”<sup>50</sup> Esta composição epigráfica anuncia que a inscrição foi erigida sobre as cinzas da *lectrix* de Sulpícia. A mulher aí recordada surge associada à poetisa, que seria suficientemente abastada

---

<sup>46</sup> Durante muito tempo, os académicos consideraram a poesia de Sulpícia como amadora e ingenuamente sentimental. Esta opinião foi contestada por Santirocco, num artigo publicado em 1979. Posteriormente, o mérito literário desta coleção de poemas tem sido mais explorado e Sulpícia reconhecida como uma imaginação poética ágil e distinta.

<sup>47</sup> Op. cit., 160.

<sup>48</sup> Cf. Snyder, op. cit., 135-136: “As Santirocco concludes, Sulpicia’s work has much in common with traditional Roman elegy, especially in the choice of themes (illness, separation of lovers, infidelity, etc.) Yet, as he further notes, her preference for brevity [...] suggests that we should view her work not so much as part of the body of relatively lengthy elegies of the sort written by Ovid, Tibullus, and Propertius, but rather as a part of a tradition of the short elegiac epigram represented by many of Catullus’ poems. In some ways, then, Sulpicia does continue the tradition of her Greek predecessors Nossis and Anyte in writing elegiac pieces that are short, direct, and immediate [...]”

<sup>49</sup> *Sulpiciae cineres lectricis cerne uiator / Quoi seruire datum nomen erat Petale [...]*.

<sup>50</sup> Op. cit., 42.

e culta para manter uma escrava com a função específica de *lectrix*<sup>51</sup>. A julgar pelo nome, Pétale deve ter sido grega, como muitos dos escravos altamente qualificados da Roma republicana, o que leva Stevenson a concluir: “So, if this poem is by Sulpicia [...] it implies that she is a wealthy upper-class girl: *lectrices* were only found in the houses of the unusually wealthy or the unusually literary.”<sup>52</sup> Independentemente de este epítáfio ser ou não da autoria da própria Sulpícia, o certo é que constitui uma prova de que, no final da República e início do Principado, se assiste a uma extraordinária divulgação da cultura e da literacia, que se estende de modo especial ao público feminino.

### 3.3. Leituras cor-de-rosa ou leituras com picante?

Se nos voltarmos para as fontes literárias dos séculos I a.C.-I d.C., contemporâneas das pinturas de Pompeios, descobrimos que as mulheres se contam entre o público leitor de vários poetas<sup>53</sup>. Em autores como Propércio, Ovídio e Marcial, há referências ao seu público feminino e, partindo de alguns excertos destes

---

<sup>51</sup> Cf. Parker, op. cit., 200: “The *lector* fills in those periods when it would be inconvenient or impossible for the master to read by himself. [...] The role of the *lector* has sometimes been misunderstood. The use of a *lector* was not in place of reading by oneself; it was in addition to reading by oneself. [...] The *lector* was part of the entertainment staff of great households, but the presence of a *lector* no more indicates that upper-class Romans were incapable/unwilling/unaccustomed to read for themselves.”

<sup>52</sup> Op. cit., 44.

<sup>53</sup> Cf. Hemelrijk, op. cit., 47: “A cursory survey of the literary sources tells us that the great writers of love poetry and epigram believed that they were much read by women: Catullus, Tibullus, Propertius, Ovid and Martial frequently mention or address women as their readers, not only their own (possibly fictitious) mistresses, but also other women of various ages and situations, both unmarried girls and *matronae*. The frequency with which they speak of women as their readers may be taken as an indication of the importance they attached to a female public.” Em nota a este parágrafo, a autora apresenta uma extensa lista de exemplos dos quais se infere a existência de um público feminino de leitoras e ouvintes.

poetas, podemos até reconstituir hábitos de leitura e preferências literárias.

Começemos pelas elegias de Propércio, cuja amada Cíntia, embora provavelmente fictícia<sup>54</sup>, é uma verdadeira *docta puella*<sup>55</sup>. Cíntia interessa-se pela poesia amorosa do seu amado, cujos versos não só ouve ler, como também recita (2.26.25-26):

De facto, quando recita os meus versos, afirma que odeia os ricos.  
Nenhuma jovem cultiva a poesia com tanta devoção.<sup>56</sup>

Cíntia é também aquela a quem Propércio submete os seus poemas para uma primeira leitura e apreciação crítica, como se pode depreender dos versos (2.13.11-12 e, mais adiante, 2.24.21):

Que o meu prazer seja recitar versos no regaço de uma jovem culta,  
E ver os meus poemas aprovados pelos seus ouvidos sinceros

---

<sup>54</sup> O carácter ficcional de Cíntia não implica que as outras figuras femininas mencionadas na poesia elegíaca sejam igualmente fictícias. Cf. Stevenson, op. cit., 35: “The essential fictionality of the Propertian *puella* has been carefully argued by Maria Wyke, who suggests that this artistic prodigy should no more be taken as evidence for the social history of Roman *demi-mondaines* [...]. But the fictionality of Cynthia does not necessarily imply that women who are referred to as part of the web of society (e.g. as fiancées, wives, or sisters), or who are referred to by their own names, are also fictions.”

<sup>55</sup> Cf. Hemelrijk, op. cit., 79: “[...] the unconventional attitude towards women found expression in the poets’ admiration of the *docta puella*. With this rather vague term the poets denoted any attractive young women skilled in the educational triad of poetry, music and dance. In the poets’ eyes the charms of her accomplishments, her taste for poetry, gift for music, skill in dancing and witty conversation, rank above birth and wealth, and compensate for her supposed lack of traditional virtues.”

<sup>56</sup> Todas as traduções de Propércio aqui apresentadas são retiradas de *Propércio, Elegias*. Texto latino de Paolo Fedeli; coord. de Aires A. Nascimento. Tradução portuguesa: Aires A. Nascimento — Liv. I; Maria Cristina Pimentel — Liv. II; Paulo F. Alberto — Liv. III; J. A. Segurado e Campos — Liv. IV (Lisboa e Assis 2002).

Há bem pouco elogiavas-me e lias os meus poemas

Convém referir que, em 2.24.21, o poeta emprega o verbo na voz activa (*carmina nostra legebas*), deixando claro que Cíntia, além de ouvir recitar as elegias, também as lê por si própria, enquanto sujeito activo de leitura. Aliás, em 2.33.37-38, o poeta sugere mesmo que a sua amada — qual leitora absorta do fresco de Pompeios acima referido — se deixa alhear na fruição de momentos de leitura individual e silenciosa (*deducta uoce leges*):

Quando nas taças pousam as flores da grinalda que caem da tua fronte  
E lê os meus poemas em voz baixa

Mas Cíntia não é a única leitora de Propércio. Os versos 1.9.11-14 parecem sugerir que o poeta tem consciência de que há um público feminino mais vasto, composto sobretudo por *puellae* apaixonadas que serão potenciais leitoras da sua poesia amorosa:

Mais vale no amor um verso de Mimnermo que Homero:  
Carmes breves busca o pacífico Amor.  
Por quem és, vai e põe de lado estes graves poemas  
E canta o que qualquer donzela se dispõe a ler!

No livro III, Propércio remete-nos para um público feminino ainda mais lato, ao alegar a preferência da *turba puellarum* pelos seus versos elegíacos (3.2.9-10):

Deveremos pois admirar-nos se, com o favor de Baco e Apolo,  
Uma multidão de raparigas venera as minhas palavras?

Aliás, no poema seguinte (3.3.19-20), Propércio alude ao seu livro de poemas, muitas vezes atirado para o banco, lido por uma rapariga solitária, à espera do amado:

Para que muitas vezes seja posto no escabelo o teu livro  
Que a jovem lerá, sozinha, à espera do homem.

Parker cita este mesmo trecho como exemplo de que, em Roma, a leitura individual era a modalidade de recepção literária que os poetas tinham em mente quando escreviam para os seus leitores: “The picture Propertius paints of his reader in 3.3.19-20 is quite precise [...] She is not at a lecture, not at a party, not being



read to. She is alone (*sola*) and holding the book in her hands and reading it to herself.”<sup>57</sup> Este excerto de Propércio parece, pois, consoante com aqueles frescos de Pompeios, referidos *supra*, que documentam hábitos de leitura individual e silenciosa entre as mulheres do mundo romano.

Dos exemplos apresentados, não se infira, no entanto, que o público preferencial de Propércio era constituído por mulheres. O que parece claro é a consciência de ter leitores quer no universo masculino, quer no feminino, como podemos depreender de (3.9.45), onde o poeta expressa a sua expectativa de que os versos que escreve sejam lidos por jovens de ambos os sexos: *Que os meus versos inflamem os rapazes, que inflamem as donzelas*.

Embora não se possa duvidar de que os homens constituíam o principal público dos poetas, as mulheres eram já suficientemente importantes como leitoras para serem mencionadas com frequência. Podemos especular que, a partir dos finais da República, a educação e o lazer de que gozavam as mulheres, sobretudo as da elite romana, as torna um público novo e interessante para poetas como Catulo, Tibulo, Propércio e Ovídio, que assim exploram o seu gosto por temas como o amor e outras temáticas de carácter mais pessoal.

Ovídio merece particular atenção, pois parece ter sido o primeiro autor latino a escrever livros destinados às mulheres, como é o caso dos *Medicamina Faciei Feminae* (*Tratamentos para o Rosto da Mulher*). Este título é muito interessante para o nosso estudo, na medida em se trata de um opúsculo escrito a pensar especificamente num público-alvo feminino, o que pode ser um indício de que haveria um “mercado” para este tipo de leitura. Os conselhos de beleza e de cosmética feminina talvez tenham sido um tema de sucesso entre as mulheres romanas, pois são posteriormente retomados pelo poeta no terceiro livro da *Ars Amatoria*, um manual

---

<sup>57</sup> Op. cit., 222.

que ensina a arte da sedução amorosa<sup>58</sup>. Depois de ter publicado os livros I e II, destinados a um público masculino, o poeta resolve dedicar todo o livro III às mulheres (*Ars*, 2. 745-746):

Eis que me pedem as delicadas donzelas que lhes dê a elas os meus preceitos.

Sereis vós o próximo objecto dos meus escritos.<sup>59</sup>

Aqui vai aconselhá-las sobre as táticas apropriadas para a conquista amorosa (*Ars*, 3.27-28):

nada por mi se aprende, a não ser amores que dão prazer:

à mulher, vou ensinar-lhe de que modo há-de prestar-se a ser amada.

O poeta dirige os seus ensinamentos a um público que inclui não só as mulheres libertas e plebeias, mas também a mulher da alta sociedade, livre e rica (*Ars*, 3.57-58). Mas Ovídio sublinha repetidas vezes que o livro se destina a ser lido apenas pela “mulher livre”, deixando bem claro que os seus conselhos são pouco adequados à matrona (*Ars*, 1.31-34).

Ficai longe daqui, fitas inocente, emblemas de pudor,  
e vós, longos mantos caídos, a cobrir metade dos pés!

Eu, uma Vénus vivida em segurança e amores secretos consentidos é o  
que canto,  
e nos meus versos crime algum há-de haver.

Este livro III da *Ars Amatoria* foi escrito propositadamente para elas<sup>60</sup>, para ser lido (e posto em prática) pelas mulheres, o que

<sup>58</sup> Cf. Carlos Ascenso André, *Caminhos do Amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do séc. I a.C.* (Lisboa 2006) 100-101: “Manual, sim, na moderna acepção da palavra, dado que o poeta adopta, na sua elaboração, um critério e uma formulação, dir-se-ia, de ordem pedagógica [...]. Aí é largamente desenvolvida, de facto, uma “teoria da sedução”, com o objectivo, inequivocamente assumido, de industrializar os amantes nas artes da conquista amorosa.”

<sup>59</sup> Todas as traduções da *Ars Amatoria* aqui apresentadas são da autoria de Carlos Ascenso André, *Ovídio. Arte de Amar* (Lisboa 2006).

<sup>60</sup> Cf. André, op. cit., 151-152: “Uma vez mais deve realçar-se a importância assim atribuída à mulher, visível, desde logo, no facto de merecer

pressupõe que, pelo menos em Roma, haveria já um público feminino com hábitos de leitura e apetência por uma temática que, nos nossos dias, vinte séculos depois de Ovídio, continua a ser explorada não só em inúmeros livros sobre técnicas de sedução, como em revistas femininas e até em alguma imprensa cor-de-rosa.

Grande parte do livro III da *Arte de Amar* é ocupada pela importância que deve ser atribuída ao culto da beleza física e ao papel decisivo que a cosmética desempenha no processo de sedução (*Ars*, 3.205-208).

Tenho um livrinho, em que vos recomendei unguentos para a vossa formosura;  
é pequeno, mas, pelo cuidado que nele pus, uma grande obra:  
aí podeis também procurar com que protegerdes a vossa beleza de danos;  
para os vossos cuidados não é inútil a minha arte.

Aqui podemos encontrar muitos e variados conselhos sobre os artifícios e estratégias que permitem evidenciar a beleza feminina e melhorá-la; sobre o penteado mais adequado a cada tipo de rosto; sobre os cuidados a ter na escolha do vestuário para cada ocasião (as cores, as texturas, os tecidos); sobre os cuidados a ter com a depilação, os dentes e a face. Aliás, no que diz respeito aos produtos de cosmética para o rosto (cremes, pinturas, *blush*, lápis de sobrancelhas, etc.), o poeta remete as leitoras para a sua obra anterior, os *Medicamina faciei feminae*, de que nos chegaram poucos versos.

Assim, estes livros “para elas” parecem atestar que, na Roma de então, havia já uma preocupação dos escritores, pelos menos de alguns, em ir ao encontro dos interesses literários de um público feminino. E este público seria suficientemente lato para justificar que algumas obras versassem sobre assuntos que apenas in-

---

um dos três livros da *Ars*. [...] Seria um erro não reconhecer que o simples facto de a mulher ser a protagonista de uma parte deste manual de sedução representa, inequivocamente, uma mudança face à tradição e face ao contexto em que o seu autor viveu e, ao mesmo tempo, indicia interessantes alterações de atitude na Roma de então.”

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14 (2012)

teressam às mulheres. Mas até o próprio Ovídio acredita que, além da *Ars Amatoria*, também a leitura de outras obras suas, de temática amorosa (*Amores* e *Heroides*), será recomendada às leitoras (*Ars*, 3.339-346):

Talvez o meu nome venha a juntar-se a esses,  
e não sejam os meus escritos entregues às águas do Leteio,  
e venha alguém a dizer: “Cultiva-te e lê os versos do nosso  
mestre, com os quais quis educar os dois partidos,  
ou escolhe, de entre os três livros s que deu por título *Amores*,  
aquilo que podes ler em paz, com voz suave,  
ou recita, com voz trabalhada, uma Epístola  
género desconhecido de outros e que ele inventou.”

Os vários excertos aqui citados são, pois, um bom testemunho de que haveria em Roma um público feminino — não despidiando — para a leitura literária, com interesses específicos em temas como o amor, a sedução, a beleza feminina. Ovídio reconhece, porém, que os interesses literários das mulheres devem ser bem mais abrangentes. O poeta considera que além de possuir encantos físicos, a mulher deve cultivar o espírito e saber ler poesia: aconselha-a a aprender os versos de Calímaco, os do poeta de Cós e os de Anacreonte; a saber a poesia de Safo de cor; a ler os versos do terno Propércio, de Tibulo e de Galo (*Ars*, 3.329-334). Ovídio recomenda ainda às mulheres que, além da poesia elegíaca e amorosa, se dediquem também à leitura de obras de maior fôlego (*Ars*, 3.333-338):

E deves poder ler os versos do amoroso Propércio  
ou uns quantos de Galo ou os teus, ó Tibulo,  
ou o canto de Varrão, o famoso velos de pelos de ouros  
que é a razão, ó Frixo, dos queixumes da tua irmã,  
e a fuga de Eneias, de onde vem a grandeza de Roma;  
nenhuma obra há no Lácio mais ilustre do que essa.

Assim, embora o poeta escreva para as *puellae* livros de temática feminina, deixa perceber que era expectável que as mulheres se ocupassem também da leitura dos “clássicos”<sup>61</sup>.

Desta breve análise de alguns excertos de Ovídio podemos concluir, com Oliveira, que “a obra de Ovídio é [...] a mais clara afirmação da importância dos novos públicos, [...] por um conjunto de factores explícitos que claramente lhe permitem definir um público-alvo feminino e generalizado: a dedicatória do livro III da *Arte de Amar*; o facto de o destinatário implícito de *Remédios de Amor* ser também feminino; o surgimento de uma literatura com voz e pontos de vista femininos nas *Heroides*. E é extremamente sintomático que Ovídio tenha consciência desta realidade sociológica irreversível quando se defende dos detractores que, embora concedendo que o público de Ovídio não são as matronas, o acusam de permitir que estas aprendam as malas-artes dos amores lascivos junto daquelas a quem o livro é destinado.”<sup>62</sup>

De facto, não seriam só as leituras cor-de-rosa a suscitar o interesse das mulheres romanas. Marcial, autor de epigramas de teor apimentado, não só dedica muitos dos seus poemas a destinatárias concretas — ainda que sob a capa de um pseudónimo —, como também tem consciência de que uma parte considerável do seu público é constituída por leitoras, o que nos dá algumas indicações acerca dos hábitos de leitura femininos no império romano

---

<sup>61</sup> Cf. Hemelrijk, op. cit., 50: “Yet, we may take it that only a few women from the lower classes actually lived up to Ovid’s ideal. Upper-class women stood a far better chance: those who have received a full grammar course must have possessed sufficient knowledge of Greek and of poetic techniques to be able to read and appreciate the works recommended by Ovid [...] and we may guess that, for instance, Sulpicia the elegist had read several of the works prescribed by Ovid.”

<sup>62</sup> Francisco de Oliveira, “Sociedade e cultura na época augustana”: Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues (coord.), *Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio* (Coimbra 2010) 20-21.

do seu tempo<sup>63</sup>. Da leitura dos epigramas destinados às mulheres podemos inferir que o poeta tinha a expectativa de que as destinatárias, pelo menos algumas delas, lessem (e reconhecessem) os versos que lhes eram dirigidos. Veja-se o exemplo de Névia (2.9):

Eu escrevi, nada respondeu Névia: não vai dar-se, portanto.

Mas, desconfio, o que escrevi, ela tinha lido: portanto vai dar-se.<sup>64</sup>

Nos *Epigrammata*, o poeta Marcial faz várias alusões ao seu público feminino, entre as quais também se contam as recatadas matronas. Ciente de que os seus versos são lidos por senhoras honestas, em 3.68, o poeta avisa as leitoras de que o conteúdo dos epigramas que se seguem não é para elas, pela falta de decência e linguagem brejeira que os caracteriza:

Até aqui foi escrito para ti, matrona, este livrinho de epigramas.

Para quem são, perguntas, os poemas seguintes? Para mim.

O ginásio, as termas, o estádio estão nesta parte: retira-te.

Vamo-nos despir: dispensa-te de ver homens nus.

(...)

Se bem te conheço, já tinhas, com o cansaço, posto de parte o livro,  
porque longo;

agora com renovado alento, o vais ler todo inteiro.<sup>65</sup>

Estes versos não só parecem atestar a existência de hábitos de leitura individual entre as matronas das classes sociais elevadas<sup>66</sup>, como são especialmente interessantes pelo facto de ofere-

<sup>63</sup> Cf. José Luís Brandão, *Da Quod Amen: Amor e Amargor na Poesia de Marcial* (Lisboa 1998) 111: “Marcial, nos seus epigramas, mostra conhecer muitas mulheres, desde as mais baixas cortesãs até às mais nobres matronas. [...] O poeta sabe que grande parte dos seus leitores são mulheres a quem não desagrada o sal ou o sabor picante de alguns dos seus epigramas. [...] O poeta compraz-se em satisfazer esta curiosidade e não poupa o sal, sobretudo nos epigramas que se referem às mulheres.”

<sup>64</sup> Tradução de José Luís Brandão, in *Marcial. Epigramas*, Vol. I

<sup>65</sup> Tradução de Paulo Sérgio Ferreira, in *Marcial. Epigramas*, Vol. I

<sup>66</sup> Cf. Parker, op. cit., 196-197: “Because the first fact [Romans read to themselves] oddly enough seems to be in danger of being forgotten or ignored, it needs to be pointed out that Romans did in fact read books while alone. [...] Several jokes by Martial crucially depend on the social fact that the

rem certos traços da psicologia das leitoras e das suas atitudes perante os livros. O último dístico sugere-nos que as matronas se enfadariam com livros longos, mas logo se entusiasmavam se o conteúdo promettesse algo mais licencioso, embrenhando-se na leitura até ao fim do rolo. Este epigrama pode ser tomado como um indício de que as mulheres, mesmo as mais recatadas, liam os livros de Marcial com todo o entusiasmo, sobretudo as partes mais picantes.

No epigrama seguinte (3.69), que dedica a Coscónio, também ele autor de epigramas, o poeta faz uma distinção entre o tipo de literatura apropriada às mulheres castas e aquela leitura licenciosa que apenas se adequa às raparigas mais libertinas.

Porque escreves todos os epigramas com castas palavras,  
e em teus poemas não aparece 'aquele membro',  
admiro-te e elogio-te; nada há de mais puro do que tu:  
mas não há página minha que esteja isenta de obscenidade.  
Leiam-me, portanto, os jovens libertinos e as raparigas fáceis,  
Leia-me o velho, mas só aquele a quem a amante atormenta.  
Pelo contrário, Coscónio, as tuas santas e venerandas palavras  
— por crianças e donzelas devem ser lidas.<sup>67</sup>

Marcial insiste na inadequação dos seus versos a leitoras honestas e espera que os mais obscenos sejam lidos apenas pelas *faciles puellae*. Uns epigramas mais à frente, o poeta lembra que já tinha avisado as leitoras pudicas de que aquela parte do livro não lhes era destinada, por causa do seu carácter atrevido. Em 3.86 o poeta evoca essa advertência para, em tom jocoso, verificar que as meninas castas, afinal, continuam a leitura, deliciadas:

Eu avisei e preveni, casta <menina>, que não lesasses esta parte  
do livrinho lascivo: mas cá estás tu a ler.

---

people regularly read alone. In 3.68.11-12 after a warning to the *matrona* that the poems are now going to get a little blue [...] the *matrona* is explicitly said to hold the book in her own hands [...] No audience, no *lector*, only the matron alone with her dirty book in her own hands."

<sup>67</sup> Tradução de Paulo Sérgio Ferreira, in *Marcial. Epigramas*, Vol. I.

Mas se tu, casta <menina>, assistes aos espectáculos de Panículo e de Latino,  
 não são estes epigramas mais descarados do que os mimos. Então lê.<sup>68</sup>

Aliás, num outro epigrama (7.88), Marcial mostra-se muito lisonjeado pelo facto de saber que na cidade de Viena toda a gente o lê, até a casta esposa:

Diz-se — se é válido o boato — que a bela Viena  
 conta os meus livrinhos entre as suas delícias.  
 Lá, toda a gente me lê: o velho e o jovem e o menino  
 e a casta esposa, sob o olhar do austero marido.<sup>69</sup>

Esta noção de que há leituras apropriadas a cada tipo de público feminino — matronas e leitoras de vida casta, por um lado, e leitoras de vida mais libertina, por outro — é retomada no epigrama em que Marcial se refere aos poemas de Sulpícia<sup>70</sup> (10.35), como sendo o tipo de leitura adequada a um público de leitoras monogâmicas e fiéis:

Leiam Sulpícia todas as bem-amadas  
 que desejem agradar a um só homem;  
 leiam Sulpícia todos os maridos  
 que desejem agradar a uma só esposa.<sup>71</sup>

Marcial menciona Sulpícia Caleni como exemplo da poesia que canta o amor conjugal, pelo que a recomenda como leitura apropriada para as *matronae* e mulheres castas. Parece evidente

<sup>68</sup> Tradução de Paulo Sérgio Ferreira, in *Marcial. Epigramas*, Vol. I.

<sup>69</sup> Tradução de Delfim Ferreira Leão, in *Marcial. Epigramas*, Vol. III.

<sup>70</sup> A Sulpícia a que Marcial se refere não é aquela que pertencia ao círculo de Messala, a que nos referimos *supra*, mas uma poetisa posterior (Sulpícia Caleni), cujo *floruit* se situa nos anos 90 d.C. Cf. Stevenson, op. cit., 46: “The only woman poet of the Silver Age to emerge from the shadows at all is another Sulpicia [...]. A surprising number of women of the *gens Sulpicia* were remembered for one reason or another; and the existence of two poets suggests that the family may have maintained a tradition of educating their daughters.” Sobre Sulpícia Caleni e o pouco que se conhece sobre a sua poesia, vide Hamelrijk, op. cit., 160-164.

<sup>71</sup> Tradução de Paulo Sérgio Ferreira, in *Marcial. Epigramas*, Vol. IV.



aqui a noção de diferenciação de públicos leitores. Como nota Stevenson: “Male Latin lyric poets write neither about, nor for, marriageable maidens and chaste matrons. But female Latin lyric poets, if we may judge from such a tiny sample, write *as* fiancées or chaste matrons, in the context of a socially sanctioned relationship with one man.”<sup>72</sup>

Esta breve análise de excertos que, em poetas latinos, apresentam referências explícitas a (potenciais) leitoras permite-nos perceber que havia, já na altura, “tendências editoriais” específicas para o público feminino (temas amorosos, beleza e sedução) e também uma certa “segmentação de mercado”, *avant la lettre*, com leituras (supostamente) diferenciadas para as *matronae* e mulheres castas, por um lado, e mulheres livres e *hetairai*, por outro.

#### 4. Cólófon

A análise das fontes textuais e iconográficas disponíveis, ainda que relativamente escassas para determinadas épocas e contextos, leva-nos a concluir que há indícios suficientes e seguros para começar uma história da leitura feminina no Ocidente a partir da Antiguidade Clássica. O motivo da mulher que lê — seja como mero tema iconográfico, seja como retrato da realidade — fascinou os artistas da Grécia e Roma antigas. Este interesse da arte pela leitura feminina está bem documentado nos pintores da cerâmica ática e nos pintores dos frescos de Pompeios.

Conjugando os testemunhos artísticos com os documentos literários, pensamos ser possível traçar uma certa evolução, do mundo grego para o mundo romano, nas práticas de leitura feminina e no tipo de livros que lhes estava associado. Na civilização grega, os rolos das mulheres não são objectos de leitura individual, mas auxiliares para a recitação colectiva de poesia lírica. Os rolos nas mãos de homens e rapazes surgiam associados a contextos escolares, mas nas das mulheres estavam relacionados com a música e a dança, em práticas quotidianas de natureza social e ritual.

---

<sup>72</sup> Op. cit., 46.

Neste sentido, admitimos que possa ser abusivo considerar tais rolos como indícios de hábitos de leitura no sentido em que a entendemos hoje, mas pensamos que os rolos manuseados em contextos femininos traduzem a familiaridade de algumas mulheres, uma pequena minoria letrada, com a literatura fixada pela palavra escrita.

Ao avançarmos para a civilização romana, particularmente no período imperial, tanto as fontes escritas como as pictóricas parecem documentar uma mudança nos hábitos femininos associados ao livro: a leitura, mais do que um ritual colectivo, parece ser frequentemente uma prática solitária, mais relacionada com a fruição individual de carácter lúdico e fruto de uma educação baseada na cultura literária. Por outro lado, os próprios livros passam a referir a mulher como leitora e destinatária. Aqui encontramos já vários testemunhos literários que nos remetem quer para a existência de um público feminino — que merece a atenção explícita dos autores —, quer para uma especialização temática da literatura que interessava às mulheres.

Assim, concluímos que é possível identificar duas fases distintas na história da leitura no universo feminino da Antiguidade Clássica: a primeira, correspondente aos tempos da Grécia Antiga, em que não existe ainda um público feminino autónomo para os livros; a segunda, a partir do império romano, em que as mulheres que lêem deixam de ser uma realidade indiferenciada e externa ao livro para serem trazidas para o interior do próprio texto, deixando perceber que havia uma certa especificidade e diferenciação de público leitor, quer em termos de género, quer em termos de classe social. Os rolos das mulheres na Antiguidade Clássica inauguram, assim, o caminho para conceitos editoriais da actualidade.

### **Bibliografia**

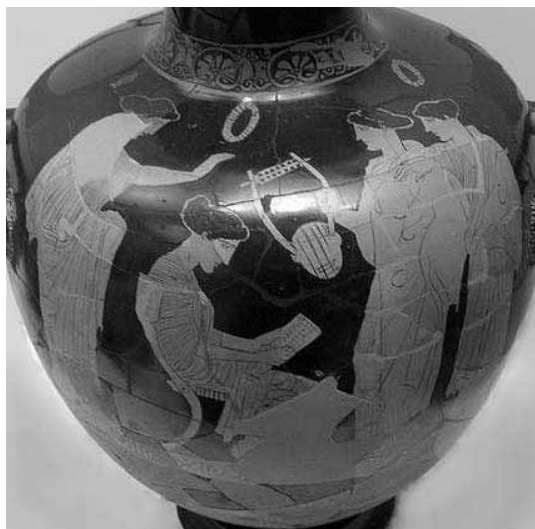
André, Carlos Ascenso, *Caminhos do Amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do séc. I a.C.* (Lisboa 2006).

Beazley, J. D., *Attic Red-Figure Vase-Painters* (Oxford 1963).

- Bollmann, Stefan, *Mulheres Que Lêem São Perigosas*. Tradução de Maria Filomena Duarte (Círculo de Leitores 2007).
- Brandão, José Luís, *Da Quod Amen: Amor e Amargor na Poesia de Marcial* (Lisboa 1998).
- Cantarella, Eva, *La calamidad ambigua — condición e imagen de la mujer en la antigüedad griega y romana* (Madrid 2<sup>a</sup>1996).
- Cole, S. G., “Could Greek women read and write?”: H. P. Foley (ed.), *Reflections of Women in Antiquity* (Nova Iorque 1981) 219-245.
- Della Casa, Adrianna, *Le donne degli elegiaci latini: dalle elegie di Catullo, Tibullo, Ligdamo, Propertio, Ovidio* (Torino 1972).
- Duby, Georges e Perrot, Michelle, “Escrever a história das mulheres”: *História das Mulheres no Ocidente, Vol. I: A Antiguidade* (Porto 1993) 7-18.
- Edmonds, J. M., “Sappho’s Book as depicted on an Attic Vase”: *Classical Quarterly* 16 (1922) 1-14.
- Etienne, Robert, *La vida cotidiana en Pompeya* (Madrid 1996).
- Harris, William V., *Ancient Literacy* (Cambridge 1991).
- Hemelrijk, Emily A., *Matrona Docta. Educated women in the Roman elite from Cornelia to Julia Domna* (Londres e Nova Iorque 2004).
- Immerwahr, Henry R., “Book Rolls on Attic Vases”: Charles Jr. Henderson (ed.), *Classical, Mediaeval and Renaissance Studies in Honor of Berthold Louis Ullman*, Vol. I (Roma 1964) 17-48.
- Johnson, William A. e Parker, Holt N. (eds.), *Ancient Literacies: The Culture of Reading in Greece and Rome* (Oxford: 2009).
- Kenyon, Frederic G., *Books and Readers in Ancient Greece and Rome* (Chicago 1980).
- Lefkowitz, Mary R. e Fant, Maureen B., *Women’s Life in Greece and Rome. A source book in translation* (Londres 2<sup>a</sup>1992).
- Lissarrague, François, “A figuração das mulheres”: *História das Mulheres no Ocidente, Vol. I: A Antiguidade* (Porto 1993) 203-271.
- Marcial. Epigramas*. Vols. I, III, IV. Tradução de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira (Lisboa 2000, 2001 e 2004).
- Oliveira, Francisco de, “Sociedade e cultura na época augustana”: Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues

- (coord.), *Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio* (Coimbra 2010) 11-36.
- Ovídio. Arte de Amar*. Tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André (Lisboa 2006).
- Parker, Holton N., "Books and Reading Latin Poetry": William A. Johnson e Holt N. Parker (eds.), *Ancient Literacies: The Culture of Reading in Greece and Rome* (Oxford 2009) 186-229.
- Pinner, Harry Leo, *The World of Books in Classical Antiquity* (Leiden 1958).
- Plant, Ian Michael, *Women Writers of Ancient Greece and Rome: an anthology* (Oklahoma 2004).
- Propércio, Elegias*. Texto latino de Paolo Fedeli; coord. de Aires A. Nascimento. Tradução portuguesa: Aires A. Nascimento — Liv. I; Maria Cristina Pimentel — Liv. II; Paulo F. Alberto — Liv. III; J. A. Segurado e Campos — Liv. IV (Lisboa e Assis 2002).
- Snyder, Jane McIntosh, *The Woman and the Lyre: Women Writers in Classical Greece and Rome* (Bristol 1989).
- Stevenson, Jane, *Women Latin Poets: Language, Gender, and Authority from Antiquity to the Eighteenth Century* (Oxford 2008).
- Waithe, Mary Ellen, *Ancient Women Philosophers, 600 B.C.-500 A.D.* (Dordrecht 1992).

## Figuras



**Fig. 1** — Vaso ático de figuras vermelhas, do grupo de Polignoto, c. 440-430 a.C. Sentada, Safo lê para um grupo de três mulheres. Museu Nacional de Arqueologia em Atenas, 1260.



**Fig. 2** — Pormenor do vaso anterior, onde se vê que o rolo que Safo segura tem palavras inscritas.

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14 (2012)

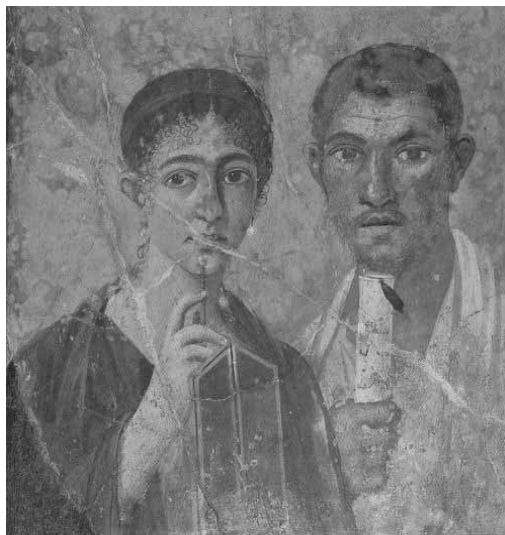


**Fig. 3** — Reprodução de fresco de Pompeios com rapariga a ler um rolo. Museu Arqueológico de Nápoles.



**Fig. 4** — Fresco de Pompeios, c. 50 d.C. Mulher identificada como Safo, com tabuinhas de cera e estilete. Museu Arqueológico de Nápoles.

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14 (2012)



**Fig. 5** — Fresco de Pompeios, séc. I d.C. Retrato de Páquio Próculo e sua mulher. Museu Arqueológico de Nápoles.



**Fig. 6** — Fresco da “Vila dos Mistérios”, Pompeios. Mulher com rolo de papiro e criança a ler. Museu Arqueológico de Nápoles.

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14 (2012)

\* \* \* \* \*

**Resumo:** Neste artigo tentamos perceber qual terá sido, no mundo clássico, a relação da mulher com os livros, partindo da análise de documentos iconográficos e de fontes textuais em que figuras femininas são representadas com rolos de papiro ou explicitamente associadas a livros, procurando avaliar se a presença de tais objectos nas mãos das mulheres constitui, efectivamente, um indício de hábitos de leitura e de cultura literária.

**Palavras-chave:** rolos de papiro; livros; hábitos de leitura; leitoras; público feminino.

**Resumen:** Neste artigo tentamos perceber qual terá sido, no mundo clássico, a relação da mulher com os livros, partindo da análise de documentos iconográficos e de fontes textuais em que figuras femininas são representadas com rolos de papiro ou explicitamente associadas a livros, procurando avaliar se a presença de tais objectos nas mãos das mulheres constitui, efectivamente, um indício de hábitos de leitura e de cultura literária.

**Palabras clave:** rolos de papiro; livros; hábitos de leitura; leitoras; público feminino.

**Résumé:** Dans cet article, nous avons essayé de comprendre quel aurait été, dans le monde classique, la relation de la femme avec les livres, en partant de l'analyse de documents iconographiques et de sources textuelles où des figures féminines sont représentées avec des rouleaux de papyrus ou explicitement associées à des livres, et nous avons cherché à évaluer si la présence de tels objets dans les mains des femmes constitue, effectivement, un indice des habitudes de lecture et de culture littéraire.

**Mots-clé:** rouleaux de papyrus; livres; habitudes de lecture; lectrices; public féminin.